

**LIRISMO E MELANCOLIA:
UMA ANÁLISE DE DOIS POEMAS DE RUY ESPINHEIRA FILHO**

*Pauliany Carla Martins**

RESUMO: Este artigo, de cunho ensaístico, tem como objetivo principal analisar dois poemas de Ruy Espinheira Filho, “Noite de maio” e “Flor de junho”. Os poemas integram o livro *Elegia de agosto e outros poemas*, publicado em 2005, e ilustram algumas características que são comumente observadas na poesia desse autor, tais como o tratamento melancólico e nostálgico dado à passagem do tempo. Dentre as principais características da obra de Ruy Espinheira Filho, escolhemos ler os dois poemas sob a ótica do lirismo e da melancolia tendo como base as teorias de Hegel (1993) e de Emil Staiger (1993). Propomos observar o modo como o poeta configura uma subjetividade dotada de melancolia e discutir como essa subjetividade contribui para a configuração do lirismo nesses dois poemas.

PALAVRAS-CHAVE: Lirismo; Poesia contemporânea; Ruy Espinheira Filho; Subjetividade.

Introdução

Publicado em 2005, o livro *Elegia de agosto e outros poemas*, de Ruy Espinheira Filho integra a obra desse autor que constrói poemas dotados de lirismo e de sensibilidade. Não muito diferente dos outros livros do autor, *Elegia de agosto* está repleto de memórias afetivas que são transformadas em imagens e musicalidade nos versos de Ruy Espinheira. Não é raro encontrarmos nesses poemas referências ao círculo familiar e afetivo, como a figura

* Professora Assistente Substituta na Universidade Federal de Goiás. Doutoranda e Mestra em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Bolsista CNPq.

do pai, das mulheres amadas e dos amigos queridos, aos endereços e momentos que marcaram esse sujeito lírico que insiste em reviver, ou melhor, recordar – isto é, guardar novamente no coração, como diria Staiger (1997) a propósito do lírico – momentos que já se findaram no correr das horas. Os poemas deste livro, de um modo geral, tentam não deixar esses momentos e pessoas se perderem no labirinto da memória.

Percebe-se também que muitos dos temas abordados nos poemas de *Elegia de agosto* apresentam um tom de sensibilidade, de melancolia e de nostalgia em relação ao passado. É bem verdade que de certo modo todo escritor é um escritor da memória, pois depende dela para exercer o seu ofício, mas Ruy Espinheira extrapola esse sentindo mais comum para ser o “poeta da memória”. A memória e as referências ao passado são os principais temas dos seus poemas e a postura que o sujeito lírico tem diante desses fragmentos de passado é a postura de quem quer agarrar com as mãos a névoa das horas que se passaram, a névoa do “tempo perdido”.

Na orelha do livro, Miguel Sanches Neto (2005) propõe uma leitura sobre *Elegia de agosto* e afirma:

Com hipersensibilidade para a aventura humana, Ruy Espinheira encontra no tempo morto os símbolos da permanência. Somente olhando para o que acabou, podemos descobrir aquilo que sobrevive à morte. Na verdade, cantar apenas o presente é que nos deixa confundidos, pois não conseguimos distinguir no agora aquilo que guarda possibilidades de transcendência. (SANCHES NETO, 2005, orelha)

Essa hipersensibilidade apontada por Miguel Sanches Neto pode ser percebida, em especial, nos poemas em que Ruy Espinheira trata da recordação do passado. A relação com o tempo é sempre complexa para o ser humano, talvez uma das poucas constatações que de tão verdadeiras, não precisam de comprovação científica: tudo passa. O tempo corrói tristezas, alegrias, ambientes, pessoas, ideias. Nos poemas de Ruy Espinheira percebemos um tom melancólico em relação ao passado, uma melancolia marcada por saudades e remorsos. Olhar para o passado e ver a si mesmo tão diferente, tão outro é o que propõem

os poemas de *Elegia de agosto*. Todavia, a melancolia extrapola os sentimentos de tristeza e nos possibilita também momentos de reflexão sobre o que mudou e o que permaneceu.

Partindo desse primeiro contato com o livro, em que se percebe as principais linhas de força da poesia de Ruy Espinheira, propomos para este artigo a leitura de dois poemas de *Elegia de agosto*: “Noite de maio” e “Flor de junho”. Nesses dois poemas, pretendemos observar de que modo o lirismo é construído, tendo como base teórica os escritos de Hegel (1993) e Emil Staiger (1997) a propósito do lírico. Para esta leitura que aqui se propõe, discutiremos o que se entende por lírico com base nesses dois teóricos, além de analisar os caminhos percorridos pela subjetividade presente nesses dois poemas.

Breves considerações sobre a lírica

Em seu curso de *Estética*, Hegel (1993) sistematiza o que se compreende por poesia lírica. O filósofo, um dos mais importantes representantes para o idealismo alemão e também para o Romantismo, acredita que é na individualidade que está a chave para a compreensão do gênero lírico. Já no início de sua teoria, Hegel propõe uma diferença básica entre as artes plásticas e a “fantasia poética”. Para o autor, as artes plásticas se caracterizam por mostrarem o exterior, enquanto a “fantasia poética” representaria o interior. Isso ocorre porque as artes plásticas são elaboradas com o propósito de ilustrar uma realidade, um momento que seja exterior ao indivíduo. Nesse caso, resta ao expectador das artes plásticas observar o que se passa em determinado quadro e, em alguns momentos, identificar-se com esse quadro e tirar dele uma reflexão para si. Evidentemente, tratamos aqui das artes plásticas não como especialistas no assunto, mas partimos de uma visão mais geral das artes plásticas apenas para afirmar que elas oferecem ao expectador uma imagem exterior a ele, uma imagem que ele pode ou não relacionar com a sua experiência individual, pensamos essa forma de arte como sendo mais objetiva e material. Para que a reflexão sobre as artes plásticas fique ainda mais clara, o ideal é pensar nos materiais utilizados para se produzir um quadro, por exemplo. O artista depende de tintas, pincéis e telas para poder exercer a sua função, sua arte é material, por assim dizer. Já o poeta precisa apenas de

palavras para produzir um poema, ele pode até escrevê-lo em uma folha de papel, mas poema em si independe do papel para existir, pois ele pode ocupar inúmeras outras mídias ou ser simplesmente memorizado e declamado. Para Hegel, a poesia lírica oferecerá ao seu expectador, ou melhor, ao seu leitor, uma experiência mais complexa do que aquela proporcionada pelas artes plásticas.

A lírica, por sua vez, é uma forma de arte que depende do interior do poeta e que trata também de sua interioridade, ou melhor, de sua subjetividade. Se as artes plásticas dependem de uma objetividade e de um material por parte de quem as produz, a lírica faz um movimento contrário e separa-se dessa objetividade. O indivíduo na lírica busca e repousa em si mesmo, ele não busca aquilo que lhe é externo, como veremos adiante, o poeta pode utilizar-se de objetos exteriores desde que esses afetem a sua subjetividade. A poesia lírica trata, portanto, de um aspecto individual, de uma expressão subjetiva do poeta. Segundo Hegel, as coisas que afetam a subjetividade do poeta lírico acabam por enriquecer a sua experiência pessoal e é dessa experiência que tratará a sua produção poética. Nesse sentido, os leitores de Hegel podem se perguntar como seria possível, então, ler algo tão individual e ainda assim sentir-se afetado por essa leitura. O fato é que a o aspecto individual explorado pela poesia lírica deve ser, de acordo com Hegel, capaz de tocar o universal, isto é, deve dizer o que tem a dizer de uma forma que todos possam se identificar e se sentirem afetados pela poesia. Esse aspecto universal da poesia lírica ocorre porque o propósito mais elementar da poesia lírica é o de dar forma e o de representar os sentimentos. De acordo com Hegel:

Ao separar-se da objetividade, o espírito recluso em si mesmo, perscruta a sua consciência e procura dar satisfação à necessidade que sente de exprimir, não a realidade das coisas, mas o modo por que elas afetam a alma subjetiva e enriquecem a experiência pessoal, o conteúdo e a atividade da vida interior. Por outro lado, para que esta revelação da alma se não confunda com a expressão accidental dos sentimentos e representações ordinárias, e tome a forma poética, será necessário que as ideias e impressões que o poeta descreve, sendo pessoais, conservem todavia um valor geral, quer dizer, sejam autênticos sentimentos e considerações capazes de despertar em outras pessoas sentimentos e considerações latentes, despertar esse que

só pode ser dado graças a uma expressão poética viva. (HEGEL, 1993, p. 607)

Essa distância entre o poeta e a objetividade faz com que o movimento da lírica seja voltado para a subjetividade a fim de perceber sentimentos, emoções e reflexões do indivíduo. Ao voltar-se para o mais interior de si mesmo, o poeta acaba encontrando aspectos da humanidade que dizem respeito a todos, tendo em vista que a intuição, o sentimento, a interioridade e a subjetividade fazem parte de todo ser humano. Ao voltar o olhar para o indivíduo e afirmar que a poesia depende da expressão subjetiva desse indivíduo, Hegel acaba por dar nuances novas à poesia, que passa a ser mais livre.

Nos períodos anteriores ao Romantismo, o modo de produção poética era ainda muito ligado às regras e aos manuais de poesia. Certamente, é possível perceber a individualidade em poemas de Petrarca e de Camões, mas esses grandes nomes da poesia clássica ainda viam a sua individualidade atrelada às regras de como se fazer poesia. À época, os poetas deveriam escrever poemas imitando os antigos, pois só assim um poema era considerado bom e o poeta, grandioso. Junto ao Romantismo, a estética de Hegel deposita no indivíduo um valor e um olhar diferentes. A partir de Hegel, por exemplo, o soneto não precisaria falar necessariamente de temas nobres, como mandam as regras neoclássicas. A poesia lírica, na verdade, pode tratar de tudo, pois seu caráter é individual e particular e depende unicamente de como o poeta pretende expressar a sua subjetividade. Hegel acreditava, inclusive, que era impossível estabelecer princípios gerais e regras fixas para a poesia lírica, pois até mesmo a forma emana do coração e da alma. Sendo assim, o poema lírico pode ser descritivo ou narrativo e ainda assim será considerado um poema lírico, e não épico como poderíamos supor, desde que a descrição ou a narração sirva para externar uma situação interior. O filósofo afirma:

Pelo que concerne à forma mediante a qual um conteúdo subjetivo passa a ser uma obra de arte lírica, diremos que também aqui é o indivíduo, com as suas representações mentais e sentimentos íntimos, que constitui o centro. Tudo emana do coração e da alma ou, mais exatamente, das disposições e situações particulares do poeta. (HEGEL, 1993, p. 609)

Leitor de Hegel e também estudioso da Lírica, Emil Staiger (1993) avança um pouco mais em relação ao caráter individual da poesia lírica. Para o teórico, a subjetividade presente nos poemas líricos afeta também o leitor de poesia, uma vez que para compreender o fenômeno lírico o leitor precisa manter uma determinada postura, preferencialmente reflexiva e solitária, a fim de experienciar a mesma “disposição anímica” do poema. Para Staiger, a poesia lírica é o gênero literário que nos permite não apenas assistir e observar, como ocorre na épica e no drama, mas também fazer parte daquele poema e sentir o mesmo que sente aquele sujeito lírico presente no poema.

É mais fácil começarmos notando que o leitor de poesia lírica não se coloca à distância. Não é possível “tomar-se posição contrária” ao elemento lírico de uma poesia. Ele nos comove ou nos deixa indiferentes. Emocionamo-nos com ele, quando estamos em idêntica disposição interior. Em seguida *os versos ecoam em nós como vindos de nosso próprio íntimo*. Pela poesia épica ou dramática parecemos ter antes admiração. A participação na poesia lírica merece o nome mais íntimo de amor. (STAIGER, 1997, p. 51-52, *grifo nosso*)

Nos poemas “Noite de maio” e “Flor de junho”, poderemos observar muitas dessas características da lírica apontadas tanto por Hegel quanto por Staiger, em especial no que diz respeito à expressão subjetiva do “eu” e de como essa expressão passará a ser, no momento da leitura, também nossa. Vejamos, então, o primeiro poema escolhido para analisarmos o lírico.

Lirismo e melancolia em “Noite de maio” e “Flor de Junho”

Noite de maio

Cinco mil e tantos livros nas paredes.
Mais de vinte mil dias deixados para trás.

De resto, noite de maio,
quase junho, chovendo nas telhas.

E este caderno aberto sobre a mesa
à espera dos traços luminosos

que, sonhados na alma, jamais chegaram
à minha mão.
(ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 39)

A começar pelo título, podemos dizer que se trata de um poema típico da estética de Ruy Espinheira. Não são raros a presença de poemas que remetem ao tempo, como é o caso dos que dizem respeito a meses ou horas do dia, tais como “*Noite de Maio*”, “*Elegia de Agosto*”, “*Anotações num dia de Aniversário*”, “*Canção da lua de Agosto*”, o próprio “*Flor de Junho*”, que analisaremos à frente, e tantos outros nomeados com meses ou momentos do dia – esses apenas de *Elegia de Agosto*, pois ainda há muitos outros nomes semelhantes em sua obra como um todo. O fato é que “*Noite de Maio*” nos apresenta inicialmente uma referência ao tempo, este que é tema tão caro à poesia de Ruy Espinheira. Temos já a ideia de que o dia acabou e que a noite traz sua atmosfera de calma, reflexão e intuição, é, enfim, um momento de maior intimidade e mais voltado para o interior, como veremos ao longo do poema.

Estruturalmente, o poema é organizado em três estrofes, sendo as duas primeiras compostas por dois versos cada e a última por quatro versos. Nas duas primeiras estrofes o ritmo do poema parece obedecer a suspiros resignados dados pelo sujeito lírico. Os versos variam na métrica, mas matem a cadência da respiração a cada final de verso. Já na última estrofe, temos três versos decassílabos e um tetrassílabo, como se estivessem indicando uma organização já nos pensamentos desse sujeito lírico que parece abandonar os devaneios.

Na primeira estrofe, um olhar para o passado: os livros que marcaram a vida desse sujeito, mais de cinco mil, e os dias que ficaram para trás, dias que, contados, somam mais de 54 anos de história. O interessante nesses primeiros versos é que o sujeito lírico coloca lado a lado livros e dias de vida, podemos dizer ainda que, nesse caso, esse sujeito coloca lado a lado a história dos outros e a própria história de vida. Percebe-se aqui a importância dada à leitura, esta que é uma experiência capaz de nos ensinar sobre tantas possibilidades de ser que jamais poderíamos vivenciar em nossos dias comuns. O sujeito deste poema não é um mero observador de livros ou visitante de uma biblioteca qualquer, é sim um sujeito

leitor – e é também escritor, como veremos adiante. Os “Mais de vinte mil dias deixados para trás” carregam consigo experiências de vida e memórias de leitura, memórias de outras vidas e outros personagens que com o passar do tempo passam também a nos integrar como nossas próprias experiências. Já nesta primeira estrofe é possível observar, portanto, um movimento muito comum na poesia lírica, o sujeito olha para fora de si, olha para aquilo que lhe é externo e para o que mais objetivo, como é o caso dos “Cinco mil e tantos livros nas paredes.” Entretanto, esse aspecto objetivo e é externo é apenas um motivo para que esse sujeito lírico possa refletir sobre a sua interioridade, os seus sentimentos. Os “livros na parede” não são mero enfeite, são também livros que estão na parede da alma, por assim dizer, desse sujeito lírico. São essas tantas histórias contidas nesses livros que leva esse sujeito a refletir sobre a própria existência e ofício.

Na segunda estrofe, mantém-se o mesmo movimento de “olhar para fora”. O sujeito marca o seu momento no tempo: “noite de maio, / quase junho”. Para completar o clima de melancolia provocado pela noite, há também a chuva. É muito comum na arte a chuva estar associada à ideia de renovação, ou mesmo de recomeço. A chuva vem para lavar os sentimentos confusos e os momentos difíceis, afinal, “depois da chuva, vem a bonança”, como diz também um famoso ditado popular brasileiro. Aqui no poema, entretanto, essa chuva não chega a ter essa conotação de limpeza e renovação, as águas que caem nos telhados desse sujeito lírico servem mais para reforçar o aspecto melancólico de suas reflexões, pois não se pode “lavar”, ou “esquecer” os tantos livros na parede e os dias de vida. Esse sentimento de melancolia pode ainda ser observado na expressão “De resto”, que inicia a estrofe. É como se o sujeito constatasse aquilo que sobra, isto é, aquilo que resta dos dias passados e dos livros lidos. Agora, neste momento, o que resta para esse sujeito lírico é observar a chuva que cai nos telhados e o tempo que passa, posto que já é “quase junho”.

Ao chegar à terceira estrofe, o leitor se depara com o que de fato perturba esse sujeito lírico: a impossibilidade e a dificuldade de se escrever. Na última estrofe o movimento é diferente das duas primeiras, pois o sujeito lírico cessa de olhar para fora de si e

olha para a sua interioridade. Mesmo com toda a experiência proporcionada pela leitura e pelos anos de vida, esse sujeito sente dificuldade para escrever os versos. Ele espera que a iluminação/inspiração o ilumine para que ele possa escrever seus “versos luminosos”, “sonhados na alma”. Temos aqui nesses versos uma reiteração de uma ideia comumente associada à lírica: a da necessidade da inspiração. Muitos poetas, como João Cabral de Melo Neto e Paulo Henriques Britto, afirmam que a inspiração poética não existe, que tudo é fruto da razão e do estudo. Todavia, para Ruy Espinheira Filho o estudo proporcionado pelos “cinco mil e tantos livros nas paredes” não é o único responsável pela concepção de um poema e a inspiração tem sim o seu lugar e a sua relevância no processo de criação poética. O teórico Emil Staiger, que trabalha com a visão mais tradicional e hegeliana da poesia lírica, atribui muita importância à inspiração e afirma:

O poeta lírico não produz coisa alguma. Ele abandona-se – literalmente (Stimmung) – à inspiração. Ele inspira ao mesmo tempo clima e linguagem. Não tem condições de dirigir-se a um nem a outra. Seu poetar é involuntário. (...) O poeta lírico escuta sempre de novo em seu íntimo os acordes já uma vez entoados, recria-os, como os cria também no leitor. Finalmente reconquista o já perdido encantamento da inspiração, ou dá pelo menos um cunho de involuntariedade a sua obra, como o fazem também muitos poetas de épocas decadentes, herdeiros deste legado útil. (STAIGER, 1997, p. 28)

Para tristeza e maior melancolia desse sujeito, esses versos que ele tanto espera, nunca chegaram à sua mão. Podemos dizer que toda essa atmosfera melancólica presente no poema confirma, na verdade, a dificuldade desse sujeito em escrever os seus versos. O caderno permanece inerte, à espera dos versos, o objeto nada pode fazer. É interessante observar que a “expressão máxima do eu”, para recordarmos Hegel, ocorre apenas no último verso: “à minha mão”. Somente no último verso percebemos a presença de um “eu” que fala no poema. O poema passa por uma espécie de afunilamento, parte de aspectos mais gerais, objetivos e exteriores até chegar à expressão subjetiva do indivíduo, a qual pode ser comprovada em expressões que denotam maior subjetividade, como “traços luminosos”, “sonhadas na alma” e “minha mão”.

Vejamos agora outro poema de Ruy Espinheira Filho. Nele, percebermos que o tom melancólico é ainda mais pungente. Além disso, em “Flor de Junho” as características da lírica, dentre elas a expressão subjetiva de um “eu”, apontadas por Hegel e por Staiger podem ser também analisadas. Leiamos então “Flor de Junho”:

Flor de Junho

Tua lembrança nasce em mim, digamos,
como uma flor de junho: úmida, fria,
curvada ao vento e à melancolia
do que vivemos. Mais: do que deixamos

de viver (penso nisto, assim, digamos,
mordido de remorsos). Quem diria
que viria tão rápido este dia
em que eu veria que passei, passamos?

Flor de junho... Essa história, outras histórias,
por quanto ainda, assim, dessas memórias
suportarei? E o corvo Nunca Mais

me pousa no ombro. E, vendo a comoção
lavrando-me, me afaga e me diz: "Não
há de ser nada — amanhã tem mais."

(ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 65)

No poema “Flor de Junho”, Ruy Espinheira explora o clássico soneto em decassílabos. Diferente de “Noite de Maio”, que se inicia com um olhar para fora e com aspectos da objetividade, a melancolia e o lirismo em “Flor de Junho” são construídos tendo como base a reflexão. Já de início, percebemos uma interlocução com o passado por meio da expressão “tua lembrança” e a afirmação de um sujeito que diz “eu” nestes versos. A melancolia se estabelece pela comparação proposta por esse sujeito entre a lembrança e a flor de junho. Esperaríamos uma flor em todo o seu esplendor e beleza, uma flor que fosse sinônimo de alegria e de esperança, mas nos deparamos com a imagem de um flor que é “úmida e fria”, que se curva aos ventos da melancolia. O passado chega ao poema como um fardo triste e pesado a se carregar, pois assim como a flor de junho, esse passado é

também úmido, frio e melancólico. Já de início, a subjetividade lírica é marcada pelo remorso e pela tristeza daquilo que passou, o que nos remete a outra característica da lírica, o recordar, dessa vez apontada por Emil Staiger (1997). Em *Conceitos Fundamentais da Poética*, Staiger (1997) observa que recordar o passado é algo próprio da lírica. Para deixar mais claro a sua teoria, Staiger propõe uma diferenciação entre memória e recordação. Para o autor, a memória é o objeto próprio da narração, uma vez que, ao narrar, o autor retoma o passado no intuito de saber seus acontecimentos e suas relações no tempo, a memória, portanto, seria objeto da poesia épica. Para a lírica, caberia não a memória, mas a recordação. Staiger (1997) afirma que ao recordar um fato da memória o poeta o traz à tona novamente, como se o revivesse por meio dos versos construídos. Mais do que se lembrar dos fatos, o poeta se aprofunda no passado e transforma em versos as mesmas sensações que já foram experimentadas um dia. No caso de “Flor de Junho”, recordar o passado é doloroso porque o sujeito lírico revive de certo modo as lembranças transformando-as agora em flores melancólicas. Um *enjambement* conecta a primeira estrofe com a segunda e traz consigo uma quebra de expectativa. A quebra do verso em “do que deixamos” cria no leitor um momento de dúvida: deixamos o quê? É certo que algo ficou perdido nesse passado, algo foi deixado para trás e o sujeito deste poema sente a falta desse algo perdido.

Na segunda estrofe, a constatação de que o remorso e a melancolia vividos por esse sujeito lírico é não somente por um passado com vivências ruins, mas por um passado com vivências perdidas. O sujeito lírico constata que o mais grave de sua história com esse outro do poema é o fato de ter deixado de viver tantas experiências que poderiam ter deixado as suas marcas de alegria e de nostalgia. A perda maior aqui não é pelo que se viveu, mas pelo o que se deixou de viver. Podemos perceber aqui o arrependimento desse sujeito que gostaria de ter dado ao seu passado cores novas e mais vivas, talvez, mas que é incapaz de mudar o que se passou – assim como todos nós. Já nesses primeiros versos, lembramos do aspecto universal que Hegel (1993) atribui para a poesia lírica. Segundo Hegel, a poesia lírica mesmo tratando de um aspecto individual e restrito à experiência de vida do poeta

deve ser capaz de transmitir os sentimentos a todos os que lerão aquela poesia. Hegel afirma:

Apesar de originada no particular no individual, uma obra lírica pode ainda assim exprimir o que há de mais *geral*, mais profundo e mais elevado nas crenças, representações e relações humanas: o conteúdo essencial da religião, da arte, dos próprios pensamentos científicos, na medida em que se adaptem às formas da fantasia e da intuição e que penetrem no domínio do sentimento. (HEGEL, 1993, p. 608)

A lírica trata de temas humanos, de sentimentos subjetivos que, mesmo despertos conforme a realidade e a vivência individuais, podem afetar a todos e atingir o universal – ou, como diria Hegel, “o que há de mais geral – ao serem transformados em versos. Em “Flor de Junho” esse movimento tipicamente lírico não é diferente. O sujeito lírico recorda um passado vivido com outra pessoa e lamenta por não ter experimentado sensações e momentos diferentes com esse outro. A experiência que esse sujeito relata é única, é a experiência dele, porém nós leitores também temos o nosso passado que gostaríamos de ter vivido de uma forma diferente em algum momento de nossas vidas. O poema trata de uma experiência individual, mas o sentimento de remorso e de melancolia pode atingir o universal.

A pergunta principal presente na segunda estrofe transfere o próprio leitor para o espaço da reflexão, um questionamento que independe da idade de quem o faz: “Quem diria/ que viria tão rápido este dia/ em que eu veria que passei, passamos?”. Mais uma vez o poema toca o universal hegeliano, afinal, ao olharmos para o passado, podemos nos assustar com tudo aquilo que já vivemos, pensamos e sentimos. Eis que o tempo, nosso eterno amigo e nosso eterno algoz, é suspenso por um momento para olharmos para trás vemos nossas próprias “flores de junho” tão úmidas, frias e “mordidas de remorsos”. O que poderia ter sido diferente? Se tivesse seguido outro caminho, feito outras escolhas, quem eu seria hoje? Que lembranças eu teria agora? Esses são questionamentos que o sujeito lírico se faz, o que leva os seus leitores também a fazê-los.

Na terceira estrofe, o sujeito lírico afirma de forma categórica que as lembranças são um fardo a suportar. Aqui o tom de melancolia vai aos limites, pois o sujeito parece se

sentir sufocado, preso ao peso das memórias. Agora não mais a lembrança de um outro o atormenta, mas a percepção de que há muitas outras histórias no passado a serem suportadas, outras histórias que insistem em aparecer no presente, em momentos de recordação e melancolia. Por fim, eis que surge outro personagem, mais assustador e repleto de maus agouros, o Corvo Nunca Mais. No poema de Edgar Allan Poe, “O Corvo”, o sujeito lírico faz também um exercício de recordar as suas vivências com uma amada que já não está mais presente. A atmosfera do poema é sombria e amedrontadora, o pássaro preto surge de uma forte tempestade e “responde” sempre com um “nunca mais” às perguntas feitas pelo sujeito lírico. No poema de Edgar Allan Poe, o corvo pousa sobre o busto de Minerva, uma forma sarcástica de questionar a deusa da razão. O sarcasmo permanece no poema de Ruy Espinheira, já na última estrofe o corvo pousa no ombro do próprio sujeito lírico e, para sofrimento maior do “eu” presente no poema, o afaga dizendo não um “nunca mais”, mas sim que “amanhã tem mais”. O corvo traz uma verdade dura de ser aceita, amanhã tem mais lembranças, amanhã tem mais remorsos, pois o passado não pode ser mudado, o que significa que essas lembranças tornarão a vir.

Considerações finais

Apesar de ser considerado um dos gêneros mais antigos do mundo, a poesia lírica ainda sustenta imprecisões que dificultam a sua definição de forma mais objetiva. De todo modo, as ideias de Hegel (1993) e de Staiger (1997) apresentam um bom panorama do que compreendemos por lírica. Evidentemente, há outras teorias que confrontam esses dois autores, mas neste artigo priorizamos as teorias que tratam da lírica em sua acepção mais comumente conhecida e disseminada. Além disso, a própria lírica de Ruy Espinheira Filho possibilita uma análise mais tradicional de seus poemas. Vê-se que o autor mantém em toda a sua obra a presença de um “eu” individual, uno e subjetivo, a musicalidade dos versos, geralmente marcada pelo uso de versos e formas mais tradicionais da poesia, além da presença de imagens bastante subjetivas e capazes de atingir um caráter mais universal.

Outro aspecto da lírica presente nos poemas “Noite de maio” e “Flor de junho” é o da subjetividade lírica. Assim como Hegel e Staiger afirmam que a poesia lírica é o ambiente da individualidade, nos poemas analisados neste artigo percebemos que mesmo que o conteúdo do poema trate de alguma vivência ou reflexão individual e mesmo que seja a expressão subjetiva de um indivíduo, a lírica é o território da poesia em que o individual e o universal se encontram e se unem. O lirismo dos poemas, aqui analisados, são dotados de uma subjetividade melancólica, esta que é capaz de afetar a todos nós leitores de poesia.

LIRISM AND MELANCHOLY: AN ANALYSIS OF TWO POEMS BY RUY ESPINHEIRA FILHO

ABSTRACT: This article, of an essay, has as main objective to analyze two poems of Ruy Espinheira Filho, "Noite de Maio" and "Flor de Junho". These poems integrate the book *Elegia de Agosto e outros poemas*, published in 2005, and they illustrate some characteristics that are commonly observed in the poetry of this author, such as the melancholic and nostalgic treatment given to the passage of time. Among the main features of Ruy Espinheira Filho's work, we chose to read the two poems from the point of view of lyricism and melancholy, based on the theories of Hegel (1993) and Emil Staiger (1993). We propose to observe how the poet configures a subjectivity endowed with melancholy and discuss how this subjectivity contributes to the configuration of lyricism in these two poems.

KEYWORDS: Contemporary poetry; Lyricism; Ruy Espinheira Filho; Subjectivity.

REFERÊNCIAS

HEGEL. II A poesia lírica. In: _____. *Estética*. Trad. Álvaro Ribeiro e Orlando Vitorino. Lisboa, Pt: Guimarães Editores, 1993.

ESPINHEIRA FILHO, Ruy. *Elegia de agosto e outros poemas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. *Estação Infinita e outras estações – poesia reunida*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Trad.: Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

Recebido em: 16/05/2019.

Aprovado em: 21/07/2019.